

INVENÇÃO DE ORFEU: A “UTOPIA” POÉTICA NA LÍRICA DE JORGE DE LIMA¹

Luciano Marcos Dias CAVALCANTI²

Resumo: Na perspectiva deste estudo Invenção de Orfeu é analisado como um prolongamento da poética anterior de Jorge de Lima; assim, todos os seus outros livros seriam fragmentos de um livro “maior”, que está contido em Invenção de Orfeu. Trata-se da busca de um mundo utópico, mas de uma utopia diversa de seu sentido original; no poeta brasileiro, a busca da perfeição poética se dá a partir do movimento, tanto no que diz respeito à forma quanto ao conteúdo, contrariando a perfeição estática da ilha de Thomas Morus. É a busca do “Paraíso perdido” ou da origem associada à função utópica da literatura de mudar o mundo, através de sua recriação verbal, da transcendência e do imaginário. Nesse sentido, este texto pretende analisar Invenção de Orfeu como possível projeto “utópico” de Jorge de Lima, evidenciado pelo tema/imagem da “ilha”, metáfora chave e aglutinadora e de seus núcleos temáticos derivantes: a infância, o onírico e o órfico.

Palavras-Chave: Jorge de Lima, Invenção de Orfeu, Utopia.

Abstract: *From the perspective of this study Invenção de Orfeu is analyzed as a poetical extension of the previous poetry of Jorge de Lima; thus, all of his other books would be fragments of “a bigger” book, which is within Invenção de Orfeu. It is about the search of a utopian world, but of a utopia different from its original sense; in the works of this Brazilian poet, the search for the poetical perfection happens from the movement, in respect to the form as well as to the content, opposing the static perfection of the island of Thomas Morus. It is the search for the “lost Paradise” or for the origin associated with the utopian function of literature to change the world, throughout its verbal re-creation, of the transcendental and the imaginary one. In this direction, this text intends to analyze Invenção de Orfeu as a possible “utopian” project of Jorge de Lima, evidenced for the theme/image of the “island”, a metaphor key and agglutinant of its derivational thematic nuclei: infancy, the oniric and the orphic.*

Keywords: *Jorge de Lima, Invenção de Orfeu, Utopia.*

¹ Este artigo traz alguns resultados do Projeto de Pesquisa: “Invenção de Orfeu: a ‘utopia’ poética na lírica de Jorge de Lima”, financiado pela FAPESP, concluída em dezembro de 2007.

² Doutorado em Teoria e História Literária – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva Dantas. E-mail: bavarov@terra.com.br.

A crítica concorda em geral que o percurso poético de Jorge de Lima é distinto dos demais poetas de sua geração e que ele se destaca como um dos mais ricos e de maior complexidade de nossa literatura. Jorge de Lima inicia-se como poeta parnasiano, alcançando notoriedade com “O acendedor de lampiões”, poema pertencente ao livro *XIV Alexandrinos* (1914), sendo agraciado com o título de “príncipe dos poetas alagoanos”. Posteriormente, no ano de 1925, adere ao Modernismo com outro poema antológico, “O mundo do menino impossível”, republicado em *Poemas* (1927). Neste livro, assim como em *Novos Poemas* (1929), *Poemas Escolhidos* (1932) e *Poemas Negros* (1947), o tema regional, a linguagem coloquial, o folclore e o elemento negro marcam seus versos. Este último aspecto proporciona ao poeta mais uma de suas grandes realizações – e das mais representativas de nosso modernismo –, o célebre “Essa negra Fulô”. Logo após, o poeta converte-se ao catolicismo e juntamente com Murilo Mendes publica *Tempo e Eternidade* (1935). Naquele momento, sua poética evidencia influências do Surrealismo e de suas preocupações religiosas, também percebidas em *A Túnica Inconsútil* (1938). Em *Anunciação e encontro de Mira-Celi* (1943), os elementos surrealistas e católicos estarão presentes, embora de maneira mais universalizante. Compartilhando essas características, assim como o apelo ao inconsciente, ao universalismo e à valorização da palavra poética surgem suas duas obras consideradas mais importantes: *Livro de Sonetos* (1949) e sua criação máxima, *Invenção de Orfeu* (1952). Logo após a aventura épica, escreve em sextilhas populares a história do poeta dos escravos, *Castro Alves Vidinha*, também em 1952.

Como podemos perceber, o percurso poético de Jorge de Lima é bastante variado e em constante mutação, sendo por isso acusado, muitas vezes, de se utilizar das correntes estéticas em voga, abandonando-as assim que deixassem o cenário³. Alfredo

³ O próprio poeta nos explica o motivo de suas constantes mudanças. Diz ele a Joel Silveira: “Fome do eterno, do essencial, do universal. Não venho para a presente fase da minha poesia (refere-se à *Túnica Inconsútil*) por ter falhado como poeta “modernista”, apenas brasileiro. Vi poemas meus se popularizarem. E hoje eles já não me satisfazem mais. Tenho verdadeiramente fome do universal.” (apud Cavalcanti, 1969, p.207-208). Desse modo, notamos claramente a insatisfação do poeta com uma possível continui-

Bosi nos dá uma possível explicação para essas transformações ao afirmar que o poeta seria

[...] organicamente lírico, isto é, enraizado na própria afetividade, mesmo quando aparenta dispersar-se em notações pitorescas, em ritmos folclóricos, em glosas dos clássicos. É importante ressaltar esse ponto, porque sem a sua inteligência poderiam soar gratuitas as mutações de tema e de forma que marcam a linguagem de Jorge de Lima, poeta sucessivamente regional, negro, bíblico e hermético. (Bosi, 1994, p.452).

Portanto, a obra de Jorge de Lima tem como traço fundamental de sua fisionomia a mutabilidade. Nenhum poeta modernista brasileiro percorreu, assim como ele, tantos caminhos abertos diante da poesia. Tanto a poética quando a vida de Jorge de Lima foi marcada por esta multiplicidade, tão vital para sua criação. Jorge de Lima dedicou-se não só à poesia, mas também à pintura e à colagem (elementos fundamentais para compreensão de sua obra poética); à narrativa – publicou os romances *Salomão e as Mulheres* (1923), *O anjo* (1935), *Calunga* (1935), *Mulher obscura* (1939), *Guerra dentro do beco* (1950) –; ao ensaio – *A comédia dos Erros* (1923), *Dois ensaios* (1929) abordando o impressionismo de Marcel Proust e *Macunaíma*, de Mário de Andrade, a biografia de Padre Anchieta (1934) e de *Dom Vital* (1940), os contos *As aventuras de Pedro Malasartes* (1942) –; à literatura infantil e religiosa *História da terra e da humanidade* (1935) e *Vida de São Francisco de Assis* (1942), *Anchieta* (1935); além de ensaios esparsos em jornais e revistas. O poeta foi também deputado, médico e fez várias tentativas frustradas para se firmar no comércio. Portanto, a busca ininterrupta de novos recursos e novas formas de expressão para sua poesia parece coincidir com a trajetória movimentada de sua biografia e com a riqueza dos meios de expressão. Semelhante mutabilidade demonstra a insatisfação com a forma de sua poesia e justifica a contínua renovação de sua linguagem. Acham-se ambas bem caracterizadas por Otto Maria Carpeaux quando definiu a complexidade da obra de Jorge de

dade de sua poesia. Jorge de Lima buscava a renovação de sua lírica com o intuito de recriá-la e enriquecê-la ainda mais.

Lima, qualificando-a de “‘Work in progress’. Para conhecê-la é preciso conhecê-la toda.” (Carpeaux, 1949, p.XIII).

Após a sua segunda fase, de poesia descritiva, clara e simples de cunho regional, representada pelos livros *Poemas*, *Novos Poemas*, *Poemas Escolhidos* e *Poemas Negros*, Jorge de Lima passa a construir seus versos de forma penetrante, ou seja, o autor valoriza o “por dentro” do poema, opondo-se à descrição da coisa observada, dos acontecimentos ou cenas que a memória reteve. A palavra passa a ser o elemento privilegiado do poema. Em seu depoimento, denominado *Auto-retrato Intelectual: o problema da linguagem poética*, Jorge de Lima nos fala a esse respeito: “a grandeza do poeta está em *saber recriar poeticamente as suas palavras*, tirando-as, como dizia Carlos Drummond de Andrade, do seu estado de dicionário para elevá-las a um estado de poesia”. (Lima, 1997, p. 44 – grifos nossos).

O fazer poético em Jorge de Lima é concebido a partir da forma, a sua linguagem é trabalhada e seu conteúdo mágico privilegiado. Esse tipo de perspectiva para a construção do poema insinua-se em *Tempo e Eternidade* e se aprofunda em *A Túnica Inconsútil* e em *Anúnciação e Encontro de Mira-Celi*, mas se realiza amplamente no *Livro de Sonetos* e, sobretudo, em *Invenção de Orfeu*. Aqui, vemos um engenhoso trabalho poético que “dá a medida exata da linguagem e que reúne todas as outras, combinando o onírico, o apelo social, a angústia metafísica, a reflexão mística com o expressionismo e a reiteração barroca.” (Araújo, 1986, p.29).

Um dos mecanismos que Jorge de Lima utiliza em sua expressão poética é o da fragmentação e recomposição do real em uma nova imagem, recurso iniciado em *A Túnica Inconsútil* e mais bem caracterizado em *Anúnciação e Encontro de Mira-Celi*, aspectos que o levam a estar cada vez mais próximo do hermetismo característico de *Invenção de Orfeu*. A fragmentação e a recomposição do real em uma nova imagem provêm, seguramente, da experiência com o Surrealismo, no qual a associação de elementos inicialmente opostos ou contraditórios era usada para criar uma imagem nova, muitas vezes insólita, conforme atesta a poesia de Jorge de Lima e

suas famosas colagens denominadas *A pintura em pânico* (1943). Naquele momento, o poeta é anunciado por Murilo Mendes como um artista em dia com os movimentos internacionais, remetendo os leitores a Rimbaud, a Max Ernest e a Salvador Dalí. As leituras de Freud e Jung, feitas entre os anos de 1920 e 1927 pelo então médico, podem também ser apontadas como responsáveis por esse mundo caracteristicamente onírico. A esse universo, Jorge de Lima transfere toda a bagagem visual dos sonhos, das visões e das fantasias acumuladas desde a infância.

Essa combinação de elementos imprevistos feita pelo poeta, acreditamos, se configura como uma tentativa de elaborar a idéia de criação artística “pura”, caracterizando seu desejo utópico de construir um estado em que a poesia se realize de uma nova forma, diferente das existentes até então. Juntando-se a isso o desejo religioso do poeta de reencontrar a origem, isto é, o tempo anterior à Queda, vemos a clara tentativa de reconstruir o “Tempo Perdido”, já que o presente é indesejável e dentro de uma perspectiva utópica e cristã representa o plano divino da salvação. Dessa forma, a poesia de Jorge de Lima vai priorizar o ato da criação, concordando com o próprio significado característico da imagem órfica.

No *Livro de Sonetos*, considerado por muitos uma espécie de introdução à *Invenção de Orfeu*, há uma série de poemas em que Jorge de Lima desenvolve a arte poética característica dessa perspectiva órfica. Neste livro, o que o poeta faz é, na verdade, uma desarticulação da linguagem poética assimilada por toda uma geração neo-parnasiana, desfazendo-a e criando uma nova perspectiva para o discurso poético, preponderantemente moderno. Assim, segundo a perspectiva de Fábio de Sousa Andrade, “contra o pano de fundo dos ruídos de um mundo que já nada nos diz de novo” faz com que o poeta recolha “‘um punhado de imagens partidas’ (Eliot)” e infunda “nestes fragmentos um novo sentido internamente: a utopia possível na distopia presente.” (Andrade, 1997, p.112).

É recorrente em *Invenção de Orfeu* o diálogo que o poeta empreende com a poética clássica, através das referências a Dante

(*A Divina Comédia*), Virgílio (*A Eneida*), Camões (*Os Lusíadas*) e Milton (*O Paraíso Perdido*) como também à poesia moderna, Lautréamont (*Os Cantos de Maldoror*), Rimbaud (*O Barco Bêbado*), Eliot (*A Terra Desolada*), Pound (*Cantos*), etc.. Com esse livro, o poeta pretende realizar seu projeto mais corajoso: criar uma “biografia épico-lírica” e interpretar as dores coletivas. Nele, combinam-se, em dez cantos, formas poéticas múltiplas, mundo particular e místico, distribuídos por temas, subtemas e motivos, num verdadeiro rio metafórico. Formalmente, utiliza-se da montagem, da superposição de diferentes moldes poéticos, do alexandrino clássico, da redondilha popular, das sextilhas trovadorescas, do soneto, da estrofe única e longa, etc.. A busca de expressão própria, o cultivo de formas e elementos temáticos novos, tudo isso constitui a riqueza de situações em que se configura a poética de Jorge de Lima.

Invenção de Orfeu representa uma tentativa de criar um novo mundo verbal e um novo mundo real melhor e mais humanizado, uma “ilha”. Mas uma ilha do eterno movimento, transmutável a todo momento e caracteristicamente órfica por definição, em que a necessidade da criação é privilegiada em todos os sentidos. Desse modo, podemos dizer que o universo de *Invenção de Orfeu* carrega um sentido utópico, já que propõe uma nova possibilidade para os homens, entre elas a de superação do individualismo, da hostilidade, estabelecendo uma nova ordem, mais solidária e mais sensível, similar à da arte. O poeta é, então, um visionário que tenta reorganizar o caos em novo mundo, em um momento utópico e cristão, caracterizado por um desejo de reencontro do homem com o éden perdido.

No “épico” de Jorge de Lima há a figura do criador, presente em todo o poema transfigurado numa série de “personagens”, e de sua criação, feita de dois modos distintos: a primeira dá-se por meio do sonho, correspondente ao mundo noturno, alimentado principalmente pela memória; a segunda, através da construção racional e calculada.

O mesmo acontece com sua geografia, registrada e poetizada por Jorge de Lima, representada pelos meninos comedores de

lama do nordeste, gênese de seu processo criativo; e de forma mais imaginativa, referente ao mundo onírico da infância, demonstrando a utilização que o poeta faz da matéria biográfica guardada em sua memória, transfigurada em sua poesia.

O vocábulo “ilha”, constantemente utilizado pelo poeta, recebe uma variada gama de significações, seja no seu sentido mais usual e histórico de acidente geográfico, da ilha de Santa Cruz (Brasil); ou em seu sentido metafórico-literário, sugerindo as fabulosas ilhas medievais, as ilhas utópicas renascentistas, as ilhas literárias (presentes nas obras de Camões, Dante, Thomas Morus, John Milton, Homero, etc.) como também do paraíso bíblico. O poema de Jorge de Lima trará para si todas estas possíveis relações intertextuais, mas também as transcende para assumir um sentido próprio em *Invenção de Orfeu*.

Podemos ver nessas imagens da “ilha-poema” um artifício metalingüístico, utilizado pelo Poeta como teorização da metáfora do “poeta-engenheiro”, que se vale da técnica e do onírico para criar o modelo da escritura de seu poema. Toda sua linha metafórica questiona-se por meio de seus signos e símbolos e por sua linguagem e se estabelece na própria escritura do poema. Essa vasta multiplicidade caracterizada pelo movimento contínuo de *Invenção de Orfeu* revela-se na diversidade das imagens em movimento, que busca encontrar a verdade do início dos tempos (anterior à Queda), realizada na poesia e pela poesia.

As imagens de retorno e de recomeço estão presentes ao longo de *Invenção de Orfeu* num processo às vezes circular contínuo, às vezes em forma de espiral, onde temas de sua memória se encontram lado a lado. Assim, o poema se faz a partir da união do fragmento, o todo se faz do fragmento e o todo está também no fragmento.

A preocupação com o conteúdo do texto desloca-se para a preocupação com a forma do texto, visão metalingüística que percorre todo o poema, principalmente caracterizado pela técnica da montagem, processo de composição que desmistifica o texto enquanto “intocável”, ou com uma tradição que conceberia a obra como “acabada”. O texto passa a se decompor em outros

mais, estabelecendo uma “circularidade” e/ou “espiralidade” que possibilita o diálogo intertextual com outros textos, do mesmo modo que com ele próprio.

A “ilha” figura em todo o poema como repositório de imagens, acontecimentos e aspiração. Ela resume esperanças e desilusões, convertida em última mensagem. Baudelaire diz que “para se penetrar a alma de um poeta, tem-se de procurar palavras que aparecem mais amiúde em sua obra. A palavra delata qual é a sua obsessão” (apud Friedrich, 1991, p.45); assim, poderíamos dizer que “Ilha” é, possivelmente, uma palavra-chave e que revela muito sobre *Invenção de Orfeu*.

A Ilha de Jorge de Lima caracteriza tanto o espaço interior do poeta, sendo, portanto caracteristicamente subjetiva, como também se volta para o mundo visual e exterior, configurando este mundo através de seus significados, conciliando no poema, assim, o subjetivismo espiritualista e o realismo sensorial das coisas materiais.

O sonho, o mito e a literatura pertencem ao domínio do imaginário. Em *Invenção de Orfeu*, Jorge de Lima os funde, indiferenciando-os no poema. A poesia primitiva está estreitamente ligada à atividade mágica. Os poetas modernos captaram bem esse caráter da ação poética e quiseram se transformar novamente em feiticeiros. O vocábulo poético não é o vocábulo usual, possui um valor diferente, um valor encantatório, está cheio de uma força misteriosa. Jorge Lima desde o início se utiliza da imaginação e do maravilhoso em sua poética. O “Menino impossível” e o “Homem poeta” brincam com as mesmas coisas humildes e ingênuas de sua infância. O poeta se utiliza do absurdo e do maravilhoso, elementos que proporcionam inesgotáveis possibilidades para o enriquecimento de sua poesia.

Desse modo, notamos que a “evolução” poética de Jorge de Lima se fez sempre num sentido cada vez mais metalingüístico e interiorizado. No início de seu percurso literário, o poeta se utiliza dos motivos infantis e regionais, passando para os temas religiosos e sociais, para logo após no *Livro de Sonetos e Invenção de Orfeu*, se dedicar prioritariamente à subjetividade da vida

interior, apoiado na habilidade técnica e no trabalho poético. Em *Invenção de Orfeu*, podemos dizer que o desenvolvimento do seu texto se apresenta em três tempos: o primeiro, é o momento da Criação, o Éden, a felicidade primitiva, real e sonhada; o segundo, refere-se ao instante da Queda, da perdição, do obscurecimento, destruição e morte; o terceiro, é aquele da salvação, Redenção, em que poema e poeta se vitalizam na fé, na esperança e no amor.

A palavra poética em *Invenção de Orfeu* atinge alto grau de valorização, próximo do encantamento, do virtuosismo, da abstração rítmico-sonora, em que o jogo poético se realiza plenamente. A sua leitura nos leva a percorrer o vasto campo de sua poesia anterior, mas, nesse momento, de forma redimensionada.

Dessa maneira, nosso trabalho se detém, principalmente, em quatro núcleos temáticos que possibilitam a análise de *Invenção de Orfeu* como um possível projeto “utópico” de Jorge de Lima.

No primeiro capítulo, analisamos como o poeta se utiliza do elemento órfico para construção de seu poema. Nesse sentido, sua poesia prioriza o ato da criação concordando com o significado constitutivo da imagem órfica que se dá, principalmente, na utilização que o poeta faz da inspiração noturna e do sonho como espaço de elaboração de sua poesia. Dessa forma, a necessidade da criação é privilegiada em todos os sentidos e se revela na tentativa da re-criação de um novo mundo verbal e um novo mundo real melhor e mais humanizado. A relação entre mito e poesia moderna também está presente, à medida que o simbolismo de Orfeu se apresenta como metáfora do cantor pacificador e libertador do tempo e do espaço. Outra perspectiva apontada em nosso trabalho se revela no contraste de Orfeu com os heróis da cultura prometéica (baseados na labuta, no sofrimento, na renúncia); os heróis do mundo órfico são essencialmente libertadores e vinculados à positividade da vida. A imagem de Orfeu também se vincula à redenção, o deus cantor que traz, pelo verbo, a salvação mediante a pacificação do homem e da natureza, não através da força. Assim, Orfeu representa a imagem do libertador e do criador que estabelece uma ordem superior no mundo, uma ordem sem repressão.

No segundo capítulo, discutimos como Jorge de Lima se vale do elemento onírico na construção do seu poema. Acreditamos que esta perspectiva se dá, principalmente, por meio da utilização que o poeta faz de mecanismos como os da fragmentação e recomposição do real em uma nova imagem. O seu universo onírico, em que as visões e as fantasias acumuladas desde a infância são elementos utilizados na construção de sua poética, surge da junção do trabalho artístico à abundância dessas imagens. Outra característica da obra limiana estudada se refere à utilização que o poeta faz de um vocábulo poético que possui um valor diferente, um valor encantatório, cheio de uma força misteriosa atrelado ao sonho, ao mito e à literatura, pertencentes ao domínio do imaginário. Estudamos também a relação entre o onírico e o lirismo poético no sentido de notar a faculdade de conversão estética do onírico em poético, assim como a transfiguração do real como definição da própria obra do poeta.

No terceiro capítulo, analisamos em *Invenção de Orfeu* a presença da infância, e como o poeta se utiliza desse motivo para construir seu poema, seja no que diz respeito à infância vista como o mundo bom e sem problemas, seja como elemento memorialístico, em que o poeta busca não somente uma lembrança lúdica, mas também alcançar um processo criativo. Conseqüentemente, o ambiente e a mitologia utilizados pelo poeta em seus poemas são muitos deles provindos das figuras da infância ou da tradição popular, a geografia infantil é registrada e poetizada por Jorge de Lima como se vê na utilização que ele faz dessa matéria biográfica de forma transfiguradora em sua poesia. Nota-se que a infância, origem e antecedente da sua primeira fase, também se fundamenta em sua criação poética geral. Neste capítulo nos dedicamos também ao estudo da projeção da infância no mundo da poesia pela via do onirismo e do seu sentido de origem, que se refere tanto à busca da volta ao mundo original (o paraíso perdido pelo homem) quanto ao seu sentido de busca da linguagem poética dos primórdios.

E, finalmente, no capítulo quatro analisamos a imagem da “ilha” (elemento caracteristicamente simbólico presente nas

utopias) e sua modificação em *Invenção de Orfeu*, já que neste poema ela não é estática (como apresentada por Morus e outros utopistas) e sim móvel, representando a “utopia” própria de Jorge de Lima, mutável e em eterno movimento. No que diz respeito à ilha, este elemento será a metáfora em que todos os outros temas/metáforas citados anteriormente irão se convergir. Desse modo, este texto pretendeu “ler” *Invenção de Orfeu* como possível projeto “utópico” de Jorge de Lima, evidenciado pelo tema/imagem da “ilha” (metáfora chave e aglutinadora) e de seus núcleos temáticos derivantes (infância, onírico, órfico, etc.).

O projeto poético de Jorge de Lima, em *Invenção de Orfeu*, parece se revelar por meio da busca de algo inalcançável. A ilha como metáfora chave do poema está estreitamente relacionada à busca do poeta (do homem) por algo não acabado e não realizável: o absoluto, a felicidade plena, o resgate do tempo original após a Queda. Como Orfeu despedaçado após o ataque das *Menades*, Jorge de Lima constrói seu poema através de fragmentos líricos, míticos, oníricos, históricos, biográficos, metafísicos, religiosos. Em busca de uma harmonia mítica, quer transformar o caos presente em um cosmos futuro, perspectiva esta que encerra todo o poema.

Na antiguidade, era dado à poesia o poder de tornar presente os fatos passados e futuros, de renovar e restaurar a vida. A palavra cantada

[...] tinha o poder de fazer o mundo e o tempo retornarem à sua matriz original e ressurgirem com o vigor, perfeição e opulência de vida com que vieram à luz pela primeira vez. A recitação dos cantos cosmogônicos tinha o poder de pôr doentes que os ouvissem em contato com as fontes originárias da Vida e restabelecer-lhes a saúde, tal o poder e impacto que a força da palavra tinha sobre o ouvinte. (Torrano, 1995, p. 20).

É este poder ontopoético que Jorge de Lima busca trazer para *Invenção de Orfeu*, o poder de instaurar uma realidade própria à poesia, de iluminar o mundo que sem ela se extinguiria.

O poeta está em busca da transcendência e é através do poema que ele tenta superar as contradições do mundo moderno. Este sonho do poeta só pode se realizar através da arte, pois é

a partir da representação artística que ele tenta reordenar este mundo e passar sua mensagem de esperança futura. Nele, o poeta reconcilia o tempo do passado com o presente e o futuro; o espaço, o aqui e o acolá; e finalmente ambiciona reunir todas as pessoas em um único corpo. É esta utopia que *Invenção de Orfeu* nos proporciona. É o lugar onde os espaços e os tempos são extinguidos, e todos os seres, numa espécie de confraternização universal, formam um único corpo. Nesse “espaço-tempo”, os encontros mais surpreendentes podem ocorrer.

Em um mundo “sem cor”, o poeta reivindica um novo mundo, uma idade de ouro, da época da inocência e de uma ordem mítica para se integrar novamente à natureza e à plenitude. Sua imaginação flui na busca desse mundo renovado e metafísico que dialeticamente se relaciona com o mundo sensível, orientado para uma sensibilidade nova, superior ao mundo restrito do racional. Desse modo, o poeta aumenta o campo de sua atuação e passa a estabelecer contato com o universal e o cósmico. Para isso, ele se utiliza do mítico, do sonho e da memória da infância na tentativa de reelaborar o caos do mundo presente em um novo cosmos.

É nesse sentido que a poesia de Jorge de Lima constrói sua epopéia moderna em que o nauta está em busca de um ambiente purificado. Para atingi-lo, em seu percurso, estabelecem-se lutas com o trágico e com o tormentório, elementos próprios do mundo moderno que o poeta não pode deixar de enfrentar. Mas sua poesia só será viável se o poeta encontrar uma nova forma, uma ordem pessoal consubstancial ao poema. Como preconizava Hesíodo, em tempos remotos – e que justifica a epopéia moderna de Jorge de Lima: “Outros já passaram por esta Senda; por isso a novidade de tudo o que eu digo de novo está na força da repetição. A força do sábio está em saber dizer o já dito com o mesmo vigor com que foi dito pela primeira vez.”. (apud Torrano, 1995, p.10). Para realizar esse projeto, o poeta já não pode se deter em descrições e narrativas históricas, mas sim apelar para o plano do maravilhoso. O poeta moderno quer substituir este mundo presente por outro, “mais verdadeiro, que seja como a síntese confusa de seus desejos e venham abrandar um instante uma sede do absoluto que às vezes

se ignora e se perde em aventuras estranhas.” (Raymond, 1997, p. 303).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, F. de S. *O engenheiro noturno: A lírica final de Jorge de Lima*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- ARAÚJO, J. de S. *Jorge de Lima e o idioma poético afro-nordestino*. Maceió: EDUFAL, 1983.
- BOSI, A. Jorge de Lima. In: *História concisa da literatura brasileira*. 34ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CAVALCANTI, P. *Vida e Obra de Jorge de Lima*. Rio de Janeiro: Edições Correio da Manhã, 1969.
- CARPEAUX, O. M. *Organização e Introdução à Obra Poética - Jorge de Lima*. Editora Getúlio Costa: Rio de Janeiro, 1949.
- FRIEDRICH, H. *Estrutura da lírica moderna: problemas atuais e suas fontes*. São Paulo: Duas Cidades, 1991.
- LIMA J. de. *Obra Completa* (Org. Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Aguilar, 1958.
- LIMA, J. de. Auto retrato intelectual. In: LIMA Jorge de. *Obra Completa* (Org. Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Aguilar, 1958.
- RAYMOND, M. *De Baudelaire ao surrealismo*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- TORRANO, J. Estudo e tradução de Jaa Torrano. In: HESÍODO. *Teogonia – A origem dos deuses*. São Paulo: Iluminuras, 1995.